



A LINGUAGEM NA APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA: construtos teóricos sobre o potencial linguístico de cordel em Roraima

Rayane Kethelen dos Santos Abreu¹
rayannekethelen14@hotmail.com

David de Abreu Alves²
david.abreu@ufrr.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar os construtos teóricos da linguagem e sua relação com a aprendizagem significativa no ensino de Geografia, destacando o potencial pedagógico da literatura de cordel como recurso didático no estado de Roraima. A problemática central pauta-se na compreensão da linguagem não apenas como meio de comunicação, mas como elemento constitutivo do pensamento e da cultura, capaz de mediar a construção de conhecimentos e favorecer a leitura crítica do espaço geográfico. Metodologicamente, a pesquisa se insere no campo qualitativo e bibliográfico, sendo estruturada a partir do levantamento e análise de teses e dissertações defendidas em Programas de Pós-Graduação em Geografia do Brasil, no período de 2014 a 2023, disponíveis na Plataforma Sucupira (CAPES) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. O recorte temporal de dez anos justifica-se pela emergência de pesquisas que problematizam o conceito de lugar, a aprendizagem significativa e o uso de linguagens diversas no ensino da Geografia. O levantamento realizado possibilitou a identificação, sistematização e análise de dez produções acadêmicas (sete dissertações e três teses), que utilizaram diferentes linguagens – cartográfica, literária, fotográfica, sensorial, entre outras – em suas abordagens pedagógicas. Os resultados revelam que a linguagem, compreendida como mediadora dos processos cognitivos e sociais, desempenha papel fundamental na aprendizagem significativa, em consonância com os aportes teóricos de Vygotsky, Ausubel e Bakhtin. O estudo evidenciou que a inserção de diferentes linguagens no ensino de Geografia favorece a construção de conceitos complexos, promove maior aproximação entre o conhecimento escolar e as vivências cotidianas dos alunos e contribui para a formação de um pensamento geográfico crítico. Nesse cenário, a literatura de cordel destaca-se como recurso pedagógico pela sua acessibilidade, expressividade e vínculo com a cultura popular. Em Roraima, a presença do cordel resulta de processos migratórios que introduziram elementos da tradição nordestina na região, possibilitando um diálogo entre culturas locais, indígenas e nordestinas.

Palavras-chave: Linguagem; Linguagem de cordel; Aprendizagem Significativa.

Introdução

A linguagem desempenha um papel fundamental na existência humana, isso porque ela está na base do pensamento humano, do raciocínio, do desenvolvimento e do cognitivo na concepção e formação dos seres humanos assim como para a vida em sociedade. Para iniciar

¹ Rayane Kethelen dos Santos Abreu, Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRR, agradeço à CAPES pelo apoio financeiro concedido por meio da bolsa durante o mestrado.

² Professor Doutor do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Roraima



o diálogo toma-se como base os autores Lev Vygotsky (1987-1988), Bakhtin (1992), Ausubel (1968), Marco Haurélio (1974), Araújo (2007), Diégues Júnior (1994) e Souza (2001).

Neste trabalho, será apresentada uma revisão das principais teorias da linguagem que influenciaram o campo da Educação e das Ciências Humanas, com especial atenção para suas implicações na Educação Geográfica e na Aprendizagem Significativa. Será dado destaque às perspectivas que enxergam a linguagem não apenas como um meio de comunicação, mas como um elemento constitutivo do pensamento, alinhando-se à visão da Aprendizagem Significativa. Além disso, será discutido como essas abordagens teóricas podem ser aplicadas à Geografia, particularmente no uso da Literatura de Cordel como Linguagem, tema central desta pesquisa.

Metodologia

Neste trabalho, utilizamos a pesquisa qualitativa e da pesquisa bibliográfica a partir do levantamento da produção do conhecimento em Teses e Dissertações nos Programas de Pós-Graduação em Geografia do Brasil, disponíveis na Plataforma Sucupira de Catálogos de Teses e Dissertações (CAPES) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBTD), buscando identificar as publicações referentes o seguinte eixo: as linguagens utilizadas em pesquisas geográficas (2014-2023), em teses e dissertações no Brasil.

Esse levantamento nos permitiu efetivar nosso objetivo que é discorrer sobre produção do conhecimento, na qual, compreenda a identificação, mapeamento e análise do que é criado, abrangendo campos de conhecimento, intervalos temporais, locais, expressões e circunstâncias de produção.

Para tanto, adotou-se um recorte temporal de dez anos para a seleção das teses e dissertações nas plataformas previamente mencionadas nesta seção de metodologia. Esse intervalo foi definido em razão do surgimento, nesse período, de pesquisas que abordam de forma divergente os temas de Aprendizagem Significativa, conceito de Lugar e o uso de linguagem em sala de aula. Ademais, o decênio justifica-se pelo tempo necessário para o desenvolvimento de pesquisas de mestrado e doutorado e pela relevância dos resultados obtidos, tanto no contexto acadêmico quanto prático.

A seleção do material deu-se pela delimitação das seguintes características: 1º ser uma pesquisa de tese ou dissertação em Programas de Pós-Graduação em Geografia do Brasil; 2º utilizar algum tipo de linguagem em sua abordagem; 3º a tese ou dissertação ter sido



defendida/publicada entre os anos de 2014-2023; 4º Apresentar abordagem educacional ou ser diretamente voltada para Educação Geográfica.

Construtos teóricos sobre linguagem na educação geográfica

O estudo das teorias da linguagem é fundamental para compreender os processos de construção e transmissão de significados entre os indivíduos e o mundo ao seu redor. Ao longo da história, a linguagem tem sido objeto de análise por diferentes correntes teóricas, cada uma com suas próprias concepções sobre a natureza, a função e o papel que ela desempenha na vida social e no desenvolvimento cognitivo. Desde as abordagens estruturalistas, que focam na organização e no funcionamento interno dos sistemas linguísticos, até as teorias pragmáticas e discursivas, que enfatizam o uso da linguagem em contextos sociais específicos, essa área do conhecimento revela-se diversa e interdisciplinar.

Segundo Ausubel (1982, p. 82), a aquisição da linguagem é fundamental porque permite aos seres humanos, por meio da aprendizagem significativa receptiva, adquirir uma vasta gama de conceitos e princípios que, de outra forma, poderiam nunca ser descobertos ao longo de suas vidas. Além disso, a complexidade e o alcance dos conceitos e ideias adquiridos dessa forma possibilitam e promovem um nível de desenvolvimento cognitivo que seria inimaginável sem a linguagem. Devido às contribuições cruciais que o poder representacional dos símbolos e os aspectos refinadores da verbalização trazem para a formação de conceitos, a linguagem, evidentemente, não apenas determina, mas também reflete as operações mentais envolvidas na aquisição de conceitos abstratos e de ordem superior.

De acordo com Vygotsky (1987), diferente dos animais, que são guiados por mecanismos instintivos de adaptação, os seres humanos criam instrumentos e sistemas de signos que lhes permitem transformar e compreender o mundo, comunicar suas experiências e desenvolver novas funções psicológicas. Durante o desenvolvimento cognitivo, o ser humano vai gradualmente internalizando e se aproximando do conhecimento já desenvolvido pela espécie, e eventualmente contribui para a criação de novos instrumentos e signos. Esse processo de interiorização e apropriação é mediado por interações e comunicações sociais, nas quais a linguagem desempenha um papel essencial (MOREIRA, 2003).

No pensamento de Vygotsky (1993, p. 93), cuja reflexão central está na aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio, a linguagem é tida como um instrumento de mediação e interação das relações sociais, pois viabiliza a comunicação e a



vida em sociedade. Para este autor, em outras palavras, sem a linguagem não haveria vida em sociedade.

De acordo com Pino (2001), nosso autor supracitado ressalta o papel mediador da linguagem no processo de apropriação cultural. Segundo Vygotsky, a linguagem exerce um papel central na formação da consciência, entendida como uma síntese entre organismo e ambiente. Tanto Vygotsky quanto Bakhtin (1992) veem a construção da linguagem como parte do pensamento dialético, buscando compreendê-la nas relações contraditórias e dialéticas entre significados objetivos e racionais e a criação subjetiva e individual de sentidos. Para Vygotsky, a linguagem é social e orientada pelo ambiente desde o início, desenvolvendo-se no sujeito através de um processo intrapsíquico, com destaque para o discurso egocêntrico. Em outras palavras, a fala de uma criança, ao adquirir a língua, começa como uma resposta ao meio externo e, gradualmente, se transforma em um sistema de signos internos (PINO, 2001).

As possibilidades de significação, entendida como um processo essencialmente linguístico, têm origem nas particularidades de cada cultura e resultam na produção de sentido. A significação só é viável mediante a apropriação das especificidades culturais onde ocorrem as inter-relações. Que se dá por meio de aprendizagens em diversos contextos educativos, sendo que Vygotsky destaca a importância da educação escolar sistematizada, que atua no âmbito do pensamento científico. Além disso, Vygotsky aponta que os processos de humanização, singularização e socialização ocorrem na intersecção entre os pensamentos espontâneos de senso comum e o pensamento científico (SETTON, M.; REGO, T.; PEREIRA, W., 2023).

Vygotsky concebe o desenvolvimento humano como um processo mediado e condicionado por aspectos sócio-históricos, que englobam todos os elementos envolvidos na internalização das funções sociais e sua transformação em funções intrapsíquicas. Essas funções, tipicamente humanas, manifestam-se nas capacidades de imaginar, criar, prever, abstrair, entre outras, ou seja, na habilidade de atribuir significados aos elementos da realidade e às relações estabelecidas com ela (experiências convertidas em vivências).

Perante o arrazoado de reflexões aqui expostas, enxerga-se a linguagem como um sistema complexo de signos que permite aos indivíduos expressarem pensamentos, sentimentos e intenções, facilitando a comunicação e o entendimento mútuo. Entretanto, ela transcende a mera função de transmissão de informações, incorporando nuances culturais,



históricas e sociais que refletem e moldam a identidade de um determinado povo. Ao explorar a linguagem, observa-se que cada expressão carrega consigo uma carga semântica única, construída por meio de convenções coletivas e das experiências subjetivas de quem a emprega.

A linguagem é uma ferramenta adaptável e dinâmica que se transforma ao longo do tempo, respondendo a mudanças no contexto social e tecnológico. Essa maleabilidade permite que a comunicação se mantenha relevante, pois novos termos, estruturas e significados emergem conforme as necessidades da sociedade que evolui. Assim, a linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, mas também um fenômeno vivo, que se reinventa para refletir a diversidade e a complexidade do pensamento humano e das estruturas sociais vigentes.

A Linguagem pode ser estimulada nos mecanismos sensoriais existentes no corpo humano pode ser valorativa na construção de conhecimento geográfico sobre os fenômenos que se desencadeiam em nossa volta. Assim sendo, ensinar Geografia por meio de linguagens potencializa o pensar geograficamente que é constitutivo do que comprehende-se por Educação Geográfica. Assim, quando fala-se sobre a utilização de linguagem na sala de aula de Geografia pode-se também pensar no que concebe-se por Educação Geográfica, conforme Castellar e Juliasz (2017, p.161) cumpre um papel social relevante, oferecendo saberes que permitem compreender a realidade, os espaços em que vivemos e a relação entre sociedade e natureza.

A Educação Geográfica, quando articulada a linguagem, torna-se um meio poderoso para promover uma compreensão mais significativa dos conceitos geográficos. A linguagem, enquanto ferramenta cognitiva, possibilita ao educando expressar, descrever e interpretar os fenômenos geográficos, construindo uma relação mais profunda com o espaço que o cerca. Dessa forma, ao incorporar elementos linguísticos, a aprendizagem transcende a memorização de conceitos e pode se transformar em uma experiência que permite ao aluno desenvolver um olhar crítico sobre o mundo, favorecendo sua inserção como sujeito ativo e reflexivo no ambiente social e territorial, agregando também significado entre o conhecimento construído na escola e o conhecimento construído no dia a dia.

Segundo Cavalcanti (2005), a Educação Geográfica auxilia os alunos no desenvolvimento de formas do Pensamento Geográfico, permitindo-lhes internalizar métodos e procedimentos para captar a realidade com uma consciência aprofundada de sua



espacialidade. A Educação Geográfica hoje se configura como uma oportunidade de tornar o ensino dessa disciplina, presente na educação básica, mais significativo. Seu conteúdo permite o debate sobre questões em escala local-global e global-local, promovendo o conhecimento do mundo com o propósito de transformá-lo conforme as necessidades da sociedade. Assim, busca-se superar as diversas formas de exclusão que persistem.

Diante disso, é possível construir caminhos para um ensino alinhado com as vivências dos alunos, transformando a escola em um espaço de aprendizagem crítica, que permita entender o que ocorre no mundo e produzir um conhecimento coerente com a realidade que os alunos têm como experiência. Esse processo deve sempre buscar um ensino e uma aprendizagem significativa para a vida, indo além de uma mera função burocrática. Nesse contexto, refletir sobre o papel da disciplina de Geografia no currículo escolar é fundamental para atribuir significado aos conteúdos trabalhados, especialmente no que se refere aos conceitos geográficos e, de forma complementar, aos modos como compreendemos e utilizamos a linguagem no processo de ensino-aprendizagem.

No levantamento de dissertações realizadas entre 2014 e 2023 em Programas de Pós-Graduação em Geografia no Brasil, observou-se predominância do uso da linguagem cartográfica como recurso pedagógico. Entre os trabalhos identificados, destacam-se pesquisas que exploraram os mapas mentais na representação do lugar e do espaço (UFRJ, 2014; UFG, 2019; UFES, 2016), bem como a aprendizagem em climatologia apoiada na teoria de Ausubel (UFSC, 2015). Outras dissertações abordaram a articulação entre geografia e literatura, como as crônicas literárias aplicadas ao estudo de paisagens urbanas em Manaus (UFAM, 2020), além de investigações sobre o uso de geotecnologias, especialmente o Google Earth, nos processos de ensino-aprendizagem (UFG, 2019). Também se destacam estudos voltados para metodologias que integram diferentes linguagens no ensino de Geografia (UFMG, 2019). Em comum, todas essas produções utilizaram a linguagem como mediadora da aprendizagem significativa, tratando conceitos como lugar, paisagem, espaço e clima.

Apresentando uma síntese das teses selecionadas para análise, com base em critérios previamente definidos que são: título da pesquisa, local de origem e ano de publicação, programa de origem, tipo de pesquisa, linguagem utilizada na pesquisa e o conceito geográfico trabalhado. Ao todo, foram identificados três trabalhos que abordam a temática em questão, de modo geral, essas produções evidenciam o crescente interesse pela relação entre



Geografia, linguagem e práticas pedagógicas, destacando abordagens que buscam promover uma aprendizagem mais significativa e contextualizada.

Quanto às teses defendidas no mesmo período, foram identificados três trabalhos. A primeira, da Universidade de Brasília (2020), investigou o papel da fotogeografia como recurso didático para alunos surdos, utilizando Libras como linguagem principal. A segunda, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2022), analisou o uso de recursos fotográficos no estudo de espaço e tempo na Geografia dos anos iniciais do ensino fundamental. Já a terceira, na Universidade Federal de Goiás (2022), explorou linguagens sensoriais na construção do pensamento geográfico de pessoas com deficiência visual. Essas pesquisas ampliam as possibilidades de inclusão e mostram que a diversidade de linguagens fortalece o ensino.

A partir do material levantado e analisado, pode-se tomar como interpretação que a linguagem organiza e expressa o pensamento, permitindo a articulação de ideias e emoções de maneira única em contexto social, cultural e histórico e ainda constitui um dos elementos mais profundos e complexos da experiência humana, funcionando como um sistema que transcende a simples comunicação. Através dela, os indivíduos compartilham, constroem identidades e formam vínculos interpessoais e coletivos, ampliando possibilidades de entendimento mútuo.

A linguagem é um processo dinâmico e mutável, refletindo a realidade e influenciando-a ao mesmo tempo. Os signos linguísticos, longe de serem neutros, carregam valores e visões de mundo que moldam a percepção e a interpretação de fenômenos ao redor. Assim, a linguagem não apenas medeia, mas também transforma a realidade, sendo fundamental para a construção do conhecimento e para a perpetuação ou questionamento cultural. A linguagem está em constante construção, que se estabelece tanto no âmbito externo a cada indivíduo, nos encontros com outros usuários e usuárias dessa mesma linguagem, quanto internamente, nos esforços e adaptações que somos compelidos a realizar para expressar, nessa linguagem, algo que ainda não encontrou existência concreta nela ou necessita de ressignificação.

Entre narrativas e versos: a literatura de cordel como linguagem na Educação Geográfica



O termo cordel remete à palavra barbante, em referência à forma como os livretos de cordel costumam ser expostos para venda, ou seja, pendurados em cordões em locais populares, como feiras, centros culturais, rodoviárias, entre outros. De acordo com alguns registros, a literatura de cordel tem suas origens na França medieval e percorreu um longo caminho antes de chegar ao Brasil, passando por Portugal e chegando às terras brasileiras por volta dos séculos XVI e XVII. Embora não tenha surgido no Brasil, foi no Nordeste que o cordel encontrou terreno fértil para se desenvolver e florescer (PORFIRO, 1999).

Araújo (2007), destaca que o cordel era conhecido como o jornal do sertão, já que por meio dele as notícias chegavam ao povo de maneira mais rápida. Essa afirmação reflete o caráter didático e informativo dos folhetos de cordel, marcados por uma linguagem simples e acessível ao público. Na literatura de cordel, diversos elementos do regionalismo, como a linguagem, o vocabulário e o sotaque, além das ideias e informações, podem ser explorados tanto na forma escrita quanto na oral. Essa exploração pode gerar novas perspectivas e desconstruir preconceitos e atitudes de indiferença em relação às questões locais e regionais.

Tratando ainda sobre a caracterização da literatura de cordel que, segundo Diégues Júnior (1994, p. 10), a literatura de cordel é um gênero de poesia narrativa popular impressa, que combina elementos em sua estrutura, permitindo a construção de metodologias que favorecem a leitura do mundo. Na reflexão deste autor, ao caracterizar a literatura de cordel, podemos perceber os diversos contextos que fizeram deste gênero um meio de comunicação entre a produção material (objetos) e a produção imaterial (ideias), apontando para a possibilidade de interpretar o mundo através dessa forma literária.

Esse gênero, portanto, atua não apenas como um veículo de documentação, mas também como um meio de/na educação, promovendo a reflexão crítica e a disseminação de conhecimento histórico de maneira próxima ao cotidiano das pessoas. Além disso, o Cordel estabelece um vínculo entre tradição e contemporaneidade, permitindo que temas regionais e nacionais sejam reinterpretados à luz das vivências populares. Nesse contexto, é possível observar como essa manifestação literária se adapta a distintas realidades socioculturais, ganhando novas configurações conforme o espaço em que está inserida. Assim, sua presença em diferentes regiões do Brasil evidencia sua versatilidade, como ocorre em Roraima, onde o cordel assume características próprias ao dialogar com a identidade e a produção cultural local.



Roraima, o Estado brasileiro mais ao norte do território nacional, com uma extensa fronteira internacional com a Venezuela e a Guiana, forma uma tríplice fronteira onde encontram as línguas português, espanhol e inglês, além de línguas indígenas. A região foi parte do Amazonas até 1943, quando se tornou o território federal do Rio Branco, que foi renomeado para Território Federal de Roraima em 1962 e elevado à categoria de estado em 1988.

Embora a extração intensiva de borracha não tenha ocorrido no Rio Branco, a região recebeu migrantes de forma indireta, sobretudo após o declínio dessa atividade. Relatos de cronistas e viajantes da época colonial evidenciam que as migrações inter-amazônicas são historicamente constantes. Pesquisas mostram que muitos migrantes que chegam a Roraima passam por etapas, vivendo em outras áreas da Região Norte antes de se estabelecerem no Estado. Assim, muitos nordestinos vivenciaram outras frentes de expansão amazônica antes de fixarem residência em Roraima (SOUZA, 2001; 2006).

Podemos perceber que a relação de Roraima com a literatura de cordel advém de questões migratórias, pois, o cordel é uma característica marcante da cultura nordestina. Com a chegada de migrantes nordestinos o cordel foi levado para Roraima, inserindo elementos da identidade e tradição nordestina no contexto local. Esse gênero literário, com suas histórias rimadas e ilustrações populares, não só preserva a memória e os valores da terra de origem dos migrantes, mas também se adapta e ressignifica dentro do novo ambiente amazônico, enriquecendo o cenário cultural de Roraima e criando um diálogo entre o Nordeste e a Amazônia, especialmente entre a cultura indígena e nordestina.

Dessa maneira, a presença da literatura de cordel em Roraima reflete a complexa interação entre culturas, especialmente a nordestina e a indígena, mediada pelos fluxos migratórios. O cordel, trazido pelos migrantes nordestinos, carrega consigo não apenas histórias e tradições, mas também as dinâmicas de poder e identidade que moldam a sociedade local, essa relação destaca como a cultura do cordel se adapta e se ressignifica nesse novo contexto amazônico, ampliando seu alcance e relevância e auxiliando nas desmistificações de relações de superioridade e inferioridade que se estabeleceram historicamente.

No Brasil, a literatura de cordel é frequentemente associada ao Nordeste. No entanto, no extremo Norte do país, essa tradição também se faz presente, com a impressão e venda de histórias populares expostas em cordéis, uma manifestação cultural de origem portuguesa



renascentista. Segundo o estudo de Letícia Soares e Roberto Mibielli (2011), a produção de cordel em Roraima teve início em 1992, com a obra *As Desventuras do Pobre*, de Xarute. Mas encontramos dois cordéis de anos anteriores, *Estória da BR-174: Boa Vista – Manaus* de Edvaldo Laurindo de Oliveira (1975) e *Garimpos de Roraima: nascimento, ascensão e fim de um sonho* de J. R. Rodrigues (1991) citados por Aldenor Pimentel (2021).

Entretanto, a comercialização do cordel só se estabeleceu na região a partir de 2007, o autor, Xarute, natural do Ceará e atualmente residente em seu estado de origem, desempenhou um papel fundamental na difusão do cordel em Roraima. Sua trajetória e contribuição para essa forma de expressão literária foram reconhecidas no documentário *Xarute – Um Olhar Sobre o Cordel*, dirigido por Cláudio Lavor e Márcio Sergino.

Dessa maneira, citamos abaixo alguns cordéis roraimenses, os quais permitem uma visão panorâmica sobre a produção de cordéis em Roraima, evidenciando a diversidade temática e a contribuição de diferentes autores ao longo das décadas. A organização cronológica facilita a compreensão da evolução desse gênero literário no estado, destacando obras que abordam desde temáticas regionais, como a BR-174 e o garimpo, até questões sociais, históricas e culturais. Ainda, observa-se a consolidação da literatura de cordel em Roraima a partir dos anos 2000, quando a produção e a comercialização desses textos se intensificam, com a participação de autores locais que ampliam a difusão desse gênero e o utilizam como ferramenta de registro, reflexão e ensino, como é o caso de Lindomar Neves Bach (2010), Rodrigo Oliveira (2008).

No caso da literatura de cordel em Roraima, a produção remonta a 1975, com a obra **Estória da BR-174: Boa Vista – Manaus**, de Edvaldo Laurindo de Oliveira, seguida pelo cordel sobre os garimpos do estado (1991) e por **As Desventuras do Pobre** (1992), de Xarute. A partir dos anos 2000, a produção se intensificou, com destaque para autores como Rodrigo de Oliveira, Lindomar Neves Bach, Zanny Adairalba, João Félix Vasconcelos e Bruno Franques. As temáticas variaram entre registros históricos, reflexões sociais, educação em ciências (com cordéis de botânica, por exemplo) e valorização do lugar, como na obra **Roraima, Terra Bendita** (2008), de Otaniel Mendes. Observa-se, assim, que o cordel em Roraima consolidou-se como expressão cultural híbrida, dialogando tanto com tradições nordestinas quanto com especificidades amazônicas e indígenas, desempenhando papel relevante na educação, na preservação da memória coletiva e no fortalecimento da identidade.



Entre os cordéis mais representativos de Roraima, destaca-se Roraima, Terra Bendita, de Otaniel Mendes (2008). Essa obra exalta a identidade e as riquezas naturais do estado, destacando seus rios, florestas e a diversidade cultural de seu povo. Por meio de rimas envolventes e de uma linguagem acessível, o autor constrói uma narrativa que resgata o sentimento de pertencimento dos roraimenses, promovendo uma valorização do lugar em que vivem. O cordel também se insere no contexto de produções que utilizam a literatura como instrumento que reforça a conexão entre a população e seu espaço geográfico.

É mediante o exposto no parágrafo anterior que pauta-se nosso entendimento de quem a Literatura de Cordel expressa-se como Linguagem de Cordel. Ela pode auxiliar nos processos de problematização do cotidiano com o conhecimento e do conhecimento com o cotidiano, sua construção leva em consideração aspectos de vivências e significações e possibilita a reflexão do dialogismo da atividade social e da cultura popular.

A literatura de cordel é considerada um dos domínios mais férteis e fascinantes dos estudos literários, não apenas pela vitalidade de sua produção, mas principalmente pela maneira como destaca aspectos da vida cotidiana e dos eventos que permeiam a sociedade brasileira (ARAÚJO, 2007, p. 51). Quando tratamos a relação da literatura de cordel com a linguagem, podemos perceber a riqueza expressiva que essa forma popular de narrativa traz ao discurso. O cordel utiliza uma linguagem verbal textual simples e acessível, mas repleta de metáforas, ritmos e rimas que facilitam a comunicação e a memorização. Além disso, ele reflete as vivências e a cultura do povo, reforçando a identidade regional e local.

Nesse contexto, Linguagem de Cordel valoriza o contexto regional e traz elementos históricos, culturais, sociais, políticos e artísticos para o contexto dos conteúdos geográficos na Educação Geográfica. Suas narrativas e abordagens podem ser integradas como ferramentas pedagógicas, tornando o aprendizado mais dinâmico e significativo. Ao aproximar o Ensino da Geografia do universo do cordel, busca-se reforçar prática pedagógicas, oferecendo um ensino mais envolvente e relevante. Essa integração contribui para um pensamento crítico e criativo, promovendo um ensino que vai além do tradicional, despertando nos alunos o interesse pela disciplina através de uma linguagem acessível e culturalmente rica.

Considerações finais



A teoria da linguagem, entendido como processo mediador no construto do conhecimento, revela-se fundamental para compreender os processos de Aprendizagem Significativa, uma vez que a linguagem não apenas transmite informações, mas organiza e dá sentido às experiências vividas. Sob essa perspectiva, os conceitos são internalizados de maneira mais profunda quando articulados a expressões culturais próximas do universo do aprendiz, permitindo a ancoragem de novos saberes em estruturas cognitivas já existentes. Essa interação entre linguagem, cultura e conhecimento cria um ambiente propício para o desenvolvimento de aprendizagens mais duradouras e contextualizadas, o que torna o uso da literatura de cordel um recurso metodológico importante na educação Geográfica.

Desse modo, a literatura de cordel é considerada um dos domínios mais férteis e fascinantes dos estudos literários, não apenas pela vitalidade de sua produção, mas principalmente pela maneira como destaca aspectos da vida cotidiana e dos eventos que permeiam a sociedade brasileira. Assim, quando tratamos a relação da literatura de cordel com a linguagem, podemos perceber a riqueza expressiva que essa forma popular de narrativa traz ao discurso. O cordel utiliza uma linguagem verbal textual simples e acessível, mas repleta de metáforas, ritmos e rimas que facilitam a comunicação e a memorização. Além disso, ele reflete as vivências e a cultura do povo, reforçando a identidade regional e local.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, P. C. A. **A cultura dos cordéis: território(s) de tessitura de saberes.** João Pessoa: UFPB/PPG-Educação, 2007.
- AUSUBEL, David Paul. **A aprendizagem significativa.** São Paulo, 1982.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 185-207, maio/ago. 2005.
- CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; JULIASZ, Paula Cristiane Strina. Educação geográfica e pensamento espacial: conceitos e representações. **Acta Geográfica**, p. 160-178, 2017.
- DIÉGUES JÚNIOR, M. Características dos ciclos temáticos. **Literatura popular em verso: estudos.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973, tomo I, p. 24-329.
- MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa: uma teoria para a educação geográfica.** Salvador: Editora Edufba, 2023.



- PINO, A. (2001). O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. **Cadernos Cedes**, ano XX (24): 38-59.
- PORFIRO, Jose Claudio Mota. **Literatura de cordel, educação e formação da consciência crítica**. Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho; REGO, Teresa Cristina; DE CARVALHO PEREIRA, Wellington. **Lev Vigotski e Pierre Bourdieu: o poder da linguagem**. Comunicação & Educação, v. 28, n. 1, p. 7-25, 2023.
- SOUZA, Carla Monteiro de. **Gaúchos em Roraima**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- SOUZA, Carla Monteiro de; SILVA, Raimunda Gomes dos. **Migrantes e migrações em Boa Vista: os bairros Senador Hélio Campos, Raiar do Sol e Cauamé**. Boa Vista: EDUFRR, 2006.
- Vygotsky, L. S. (1987). **Pensamento e linguagem**. 1^a ed. bras. São Paulo: Martins Fontes.